

“Alarga o espaço da tua tenda” (Is 54,2): perspectivas bíblicas para o sínodo 2021-2024 “Enlarge the space of your tent” (Is 54,2): biblical perspectives for the synod 2021-2024

Mariana Aparecida Venâncio¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo examinar o versículo que fundamenta o documento para a etapa continental do sínodo 2021-2024: “Alarga o espaço da tua tenda” (Is 54,2). A análise é feita em perspectiva sincrônica e inicia-se com o exame do contexto histórico do segundo Isaías, do qual o versículo em questão é parte. A análise literária do texto prossegue com a proposta de correlações com outros livros bíblicos a partir de conceitos e imagens que compõem a exortação de Isaías. Por fim, o artigo busca apontar direcionamentos hermenêuticos e perspectivas práticas que o versículo escolhido pode proporcionar ao processo sinodal.

Palavras-chave

Sínodo 2021-2024. Segundo Isaías. Papa Francisco. Tenda.

Abstract

This article aims to examine the bible verse that underlies the document for the continental stage of the synod 2021-2024: “Enlarge the space of your tent” (Is 54,2). The analysis is carried out in a synchronic perspective and begins with the examination of the historical context of which the verse in question is part, that is the historical background of second Isaiah. The literary analysis of the text continues with the proposal of correlations with other biblical books from concepts and images that build Isaiah’s exhortation. Finally, the article seeks to indicate hermeneutical directions and practical perspectives that the chosen verse can provide to the synodal process.

Keywords

Synod 2021-2024. According to Isaiah. Pope Francis. Tent.

INTRODUÇÃO

Às vésperas da vigília de Pentecostes, em 24 de abril de 2021, o papa Francisco aprovou um itinerário sinodal para a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos que em muitos aspectos difere do itinerário dos sínodos anteriores.² Em sua nova proposta, um processo amplo e inédito se tornaria uma marca na história da Igreja. A instituição do Sínodo dos Bispos, por Paulo VI, já era expressão de um desejo pelo fortalecimento de processos de escuta e participação. Mais de 50 anos depois, no entanto, o papa Francisco ainda surpreende a Igreja ao propor um itinerário que teria por objetivo evidenciar o espaço para que todos fossem ouvidos, sem

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Literatura Brasileira pelo Centro Universitário Academia (UniAcademia). Especialista em Sagrada Escritura pelo Centro Universitário Claretiano. Bacharel em Teologia pelo UniAcademia. Assessora da Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Contato: marianaavenancio@gmail.com.

² A nota completa em que a proposta do processo sinodal é anunciada foi publicada pela Santa Sé em 21 de maio de 2021 (SALA DE IMPRENSA DA SANTA SÉ, 2021).

mediações, desde os que estão dentro da Igreja, até aqueles que estão fora dela, afastados ou mesmo insatisfeitos.

O pensamento de Francisco a respeito do sínodo e, principalmente, da sinodalidade na vida da Igreja, está muito bem sintetizado em seu discurso por ocasião da comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, em 17 de outubro de 2015. Nele, o papa afirma:

O Sínodo dos Bispos é o ponto de convergência deste dinamismo de escuta, efetuado a todos os níveis da vida da Igreja. O caminho sinodal começa por escutar o povo, que “participa também da função profética de Cristo”, de acordo com um princípio caro à Igreja do primeiro milênio: “*Quod omnes tangit ab omnibus tractari debet*”. O caminho do sínodo continua escutando os pastores. Através dos padres sinodais, os bispos agem como autênticos guardiões, intérpretes e testemunhas da fé de toda a Igreja, que devem saber cuidadosamente distinguir dos fluxos frequentemente mutáveis da opinião pública. Na véspera do sínodo do ano passado, afirmava: “Para os padres sinodais pedimos antes de mais nada, do Espírito Santo, o dom da escuta: escuta de Deus até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade a que Deus nos chama” (FRANCISCO, 2015).

Assim, embora o processo sinodal que está em curso seja uma novidade enquanto acontecimento para a Igreja, não é surpresa como parte do magistério de Francisco, que sempre manifestou o desejo de que seu ministério petrino fosse marcado e amparado pela opção por um modelo eclesial em que fossem valorizadas escuta e participação. O processo em questão foi oficialmente aberto nos dias 9 e 10 de outubro de 2021, no Vaticano. No final de semana seguinte, em 16 e 17 de outubro de 2021, a abertura foi também celebrada nas dioceses de todo o mundo. A data marcou, também, a abertura da primeira fase do processo sinodal.

O sínodo 2021-2024 propõe a execução de três fases de escuta:³ a primeira delas é a *fase diocesana*, que propõe ampla escuta organizada e desenvolvida pelas dioceses de todo o mundo. As orientações para esta etapa constam no *Documento preparatório* (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2021a) e no *Vademecum para o sínodo sobre a sinodalidade* (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2021b), que indicavam dez horizontes temáticos a partir dos quais assembleias e grupos de escuta e reflexão foram organizados, incluindo aqueles que não faziam parte das comunidades eclesiais. As dioceses enviaram as contribuições resultantes às suas conferências episcopais que, por sua vez, elaboraram suas respectivas sínteses nacionais, a serem enviadas à Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos até o dia 15 de agosto de 2021.

A *fase continental* foi dinamizada pelo documento resultante da união de todas as sínteses nacionais recebidas pela Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos. Em 27 de outubro de 2022, foi publicado o *Documento de trabalho para a etapa continental* (SECRETARIA GERAL DO

³ O presente artigo foi escrito em abril de 2023, portanto, às vésperas da conclusão da fase continental. Por isso, as informações a respeito da fase universal dizem respeito à programação atualizada na data de redação do artigo, podendo ter sofrido alterações até o final do percurso, após esta publicação.

SÍNODO DOS BISPOS, 2022), que destacava temáticas recorrentes e as exemplificava a partir de recortes das diversas sínteses nacionais recebidas:

À secretaria do sínodo chegaram as sínteses de 112 das 114 conferências episcopais e de todas as 15 igrejas orientais católicas, às quais se juntam as reflexões de 17 dos 23 dicastérios da Cúria Romana, além das que vieram dos superiores religiosos (USG/UISG), dos institutos de vida consagrada e sociedades de vida apostólica, de associações e movimentos de fiéis leigos. Além disso, chegaram mais de mil contributos de pessoas singulares e de grupos, além de sugestões recolhidas nas redes sociais, graças à iniciativa do “sínodo digital” (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2022).

O *Documento de trabalho para a etapa continental* propôs uma nova etapa de escuta diocesana prévia à realização das etapas continentais, evidenciando o aspecto cíclico que caracteriza o processo sinodal. Os diversos conselhos continentais deveriam enviar, até o prazo de 31 de maio de 2023, uma síntese continental à Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos que exprimisse um resultado dessa segunda fase sinodal. A partir do recebimento das sínteses continentais, a referida secretaria elaborará o *instrumentum laboris*, que será o ponto de partida para a fase seguinte do processo.

A *fase universal* do sínodo, inicialmente, seria constituída pela sessão sinodal de outubro de 2023, que aconteceria de modo semelhante aos outros sínodos dos bispos já realizados. Em 16 de outubro de 2022, no entanto, o papa Francisco anunciou a extensão dessa fase, propondo, agora, sua realização em duas sessões: a primeira em outubro de 2023 e a segunda em outubro de 2024. A reconfiguração é possível de acordo com o artigo 3 da constituição apostólica *Episcopalis communio* (2018), sobre o sínodo dos bispos.

Embora os documentos orientativos da fase diocesana – *Documento preparatório* (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2021a) e *vademecum* (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2021b) – tenham tido sua fundamentação bíblica, é o *Documento de trabalho para a etapa continental* (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2022) que traz de modo claro uma inspiração bíblica específica: “Alarga o espaço da tua tenda” (Is 54,2). É sobre este versículo bíblico, seus significados, perspectivas e luz que traz sobre o processo sinodal que o presente artigo está dedicado. Para isso, faremos um exame inicial do contexto histórico que está por detrás do conjunto literário ao qual pertence o excerto, uma vez que consideramos fundamental compreender a guinada do pensamento religioso neste período para aprofundar a compreensão do texto em seu conjunto.

1 SEGUNDO-ISAÍAS: CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO

Isaías 54,1-10 pertence à segunda parte da obra, segundo a divisão que tradicionalmente é adotada pela exegese a seu respeito. A primeira parte do livro, compreendida entre os capítulos 1-39, tem redação situada na época anterior ao exílio babilônico. A segunda parte, também conhecida como *Livro da Consolação de Israel*, compreende o intervalo dos capítulos 40-55 e

tem redação situada na época do exílio (597-539 a.C.), e é atribuída a um profeta que é, provavelmente, uma espécie de discípulo de Isaías, uma vez que mantém coerência com sua teologia e literatura. A terceira parte, capítulos 56-66, é comumente atribuída a uma escola profética do pós-exílio.⁴ Assim, é compreender o contexto histórico a que diz respeito o segundo Isaías para diferenciá-lo no conjunto completo do livro. Sem a pretensão de um excuro histórico detalhado, recuperamos alguns aspectos do exílio babilônico que consideramos fundamentais para uma compreensão do significado desse tempo em relação com o processo da escritura.

Inicialmente, é importante ter em vista que o exílio babilônico⁵ (597-539 a.C.) é época de grande crise para os israelitas, mas também representou ocasião de reerguimento. A fé dos antigos patriarcas, enquanto Israel ainda era religião tímida de um povo pastoril do crescente fértil, era mantida viva pela oralidade. A exegese bíblica discute a abrangência dos textos escritos em épocas pré-exílicas, mas quando falamos a respeito das memórias fundamentais do princípio da aliança, as narrativas das origens e a história dos patriarcas, estamos referindo textos que no exílio receberam a devida centralidade, tendo sido recuperados e escritos, em um processo que começou pela formação de uma consciência a respeito da necessidade da escrita e perdurou até o pós-exílio.

Antes do exílio, o pensamento sobre as origens e grande parte das histórias sobre os patriarcas e as recordações áureas da libertação do Egito eram mantidas vivas na tradição familiar, contadas de pais para filhos. De repente, essa condição favorável não mais existia. As famílias estavam separadas e muitos dos que foram ao exílio viam a possibilidade de não mais se juntarem aos familiares que haviam ficado para trás. Assim, os exilados que viam suas antigas narrativas ameaçadas pelos percalços históricos, viam também o risco de que elas fossem substituídas pelas tradições estrangeiras, que ignoravam a existência do Deus único e sua forma de conduzir o curso da história. A separação das famílias e a crise do confronto com outra cultura foram fatores decisivos para que se desenvolvesse a força resiliente da consciência a respeito do necessário registro:

O início da Bíblia foi escrito muito tarde, no seu conjunto. Além disso, e talvez esta seja uma segunda surpresa, os textos mais antigos são os textos sacerdotais que remontam ao período que segue imediatamente o fim do exílio. Os relatos sobre a origem da humanidade, sobre a criação, o dilúvio e a torre de Babel são, portanto, todos pós-exílicos (SKA, 2016, p. 17).

Quando nos referimos ao segundo Isaías, portanto, podemos inclusive não encontrar em suas linhas a descrição do desencadeamento desse processo, mas tratamos de um profeta que viveu nesse contexto. Essa confluência da crise em reerguimento combina muito bem com a conversão da dor em esperança que é tão própria ao segundo Isaías. O profeta que vive a dor do exílio é justamente aquele que, apesar da consciência do pecado e da elaboração do exílio como

⁴ Para o aprofundamento a respeito da divisão do livro, autoria e época, ver Schökel e Sicre Diaz (1988).

⁵ Não pretendemos que este artigo ofereça um panorama histórico do exílio babilônico, nem confrontaremos visões diversas a respeito do período. Um excuro clássico sobre o tempo é feito, por exemplo, por Bright (2003).

castigo, vai anunciar a consolação. A mensagem profética não é, porém, recebida de maneira uniforme por todos os exilados.

Enquanto uma parte dos exilados ansiava pelo retorno, a outra se conformava com a nova vida e se estabelecia na Babilônia. A mensagem profética que, necessariamente, é anúncio não esperado, anúncio que vai contra a corrente de pensamento vigente, talvez expressasse melhor sua vocação essencial entre os acomodados – mais do que entre os sofredores. É entre o primeiro grupo que o anúncio da esperança encontra mais dificuldades para produzir efeito. Os textos proféticos do exílio enfocam, no entanto, o grupo dos que sofriam e ansiavam o retorno. Assim, nos fazem imaginar uma comunidade uniforme de israelitas que tinham saudades de sua terra e que estavam conscientes das faltas que os haviam conduzido à Babilônia. No entanto, os estudos históricos atestam, porém, que nem todos os exilados estavam inconformados ou sofriam aquela situação:

Os sofrimentos dos exilados eram interiores e não se baseavam em suas condições de vida [...]. Tinham relativa liberdade de ir e vir, podiam construir casas, cultivar plantações, praticar o comércio e levar uma vida normal, correspondente às circunstâncias [...]. Em nenhum lugar está documentado que eles fossem obrigados à corveia (DONNER, 1997, p. 435-436).

Karen Armstrong concorda com os indícios históricos de certo estabelecimento, mas pondera que a perda existe, de fato:

Os exilados não foram maltratados na Babilônia. O rei foi confortavelmente alojado com sua *entourage* na cidadela meridional, e os demais viviam juntos em novos povoamentos à margem dos canais, tendo permissão para cuidar de seus negócios domésticos. Mas haviam perdido seu país, sua independência política e sua religião (ARMSTRONG, 2007, p. 16).

Jaldemir Vitória (2018, p. 94) nota que as condições do exílio podem ter sido distintas para o segundo grupo de deportados, que talvez tenha vivido em condições mais restritas e severas. Tanto para inconformados quanto para conformados, o exílio é tempo de converter o pranto em alegria – os primeiros pela confiança no Deus libertador; os últimos porque, em suas possibilidades humanas, buscam mudar sua situação. Importa compreender, portanto, que as condições no exílio não eram uniformes e a atividade profética faz, então, uma opção quanto à percepção do modo como Deus age nesse contexto. Segundo a cosmovisão vigente à época, o fato de os israelitas serem conduzidos ao exílio não representava somente sua derrota, mas, sobretudo, o trinfo de Marduk – deus babilônico – sobre YHWH. A profecia fará a opção por entender seu Deus, porém, não como um derrotado, mas como o *go'el*, o resgatador de Israel. O profeta não será o porta-voz de uma esperança sem fundamento, mas o portador de uma missão específica. O segundo Isaías trará os termos dessa missão em seu primeiro versículo: “Consolai, consolai o meu povo” (Is 40,1).

Consolar conota reconstruir, após a destruição, numa transformação radical da realidade caótica. O deserto tornar-se-á paraíso; as várzeas serão o parque de Deus, com muita música e regozijo. A dureza do passado ficou para trás! Cânticos de ação de graças louvarão a Deus por sua presença consoladora (VITÓRIO, 2018, p. 96).

Embora haja uma profusão de significados a partir do exílio, a mensagem do segundo Isaías faz uma opção muito clara: sua ênfase não recai sobre o pecado de Israel, mas o profeta considera já aprendida a lição pela qual Israel entendeu que a infidelidade e a idolatria afastam de Deus e fazem cair na vulnerabilidade. Assim, o anúncio dessa segunda parte do livro estará concentrado na mensagem de esperança:

A teologia do segundo Isaías aponta para uma linguagem escatológica: a “nova criação”. Apesar de denunciar a idolatria, ele não condena o seu povo, já que o castigo viera com a deportação. Sua intenção é consolar apontando para a libertação vindoura. Se a primeira libertação foi através de um hebreu, Moisés, a segunda será através de um líder pagão, Ciro, e será ainda mais grandiosa (45,1-8;48,12-15). Com o novo êxodo, Iahweh será o Senhor e criador de todo o universo (SOUZA, 2020, p. 219).

A ênfase na esperança em detrimento da condenação, como opção de anúncio, coloca em evidência os atributos libertadores de Deus e um episódio inevitavelmente vem à tona: o êxodo. Os temas que perpassam o livro do Êxodo passam a costurar também as páginas do exílio, portanto: a unicidade de Deus, a rejeição da idolatria, a aliança ao redor da lei, a experiência comunitária do Deus libertador.

A companhia de Deus que libertará o seu povo em um verdadeiro processo de resgate fez, então, com que o episódio do exílio fosse comparado à memória do êxodo. A referência ao exílio como um novo êxodo não é estranha, uma vez que o Êxodo tem, na Bíblia hebraica, um valor paradigmático, como afirma Milton Schwantes: “o Êxodo é um paradigma. Faz as vezes de; é um exemplo. Assemelha-se a uma lâmpada. Ilumina toda a história bíblica. Aparece como sua veia principal [...]. Constituiu-se, pois, experiência básica no núcleo do povo de Deus” (SCHWANTES, 1988, p. 9). Dessa forma, ao refletir a respeito do exílio na Babilônia, pode ser interessante recuperar alguns dos elementos constituintes do êxodo, que no evento mais recente estarão presentes: o protagonismo de Deus, a experiência comunitária da libertação e a aliança decorrente da experiência de salvação são alguns exemplos.

O caminho do deserto que sucede a saída do Egito, porém, é uma fase do evento completo do Êxodo que não pode ser ignorada. Para além dos prodígios das pragas e da travessia do mar, o caminho longo e silencioso do deserto fornecerá um arcabouço simbólico importante à reflexão sobre o exílio na Babilônia. Ao menos dois elementos desejamos recuperar: o primeiro deles é a centralidade da lei. Já no princípio do caminho, o Senhor oferece sua lei ao povo (Ex 20) e ela se tornará o caminho sobre o qual se deverá andar, sob pena de cair nas trevas da morte. A profecia interpreta a dádiva da lei como processo educativo para Israel (Jr 2,2), é por seu intermédio que

Deus estabelecerá sua aliança e a tornará perene. Somente sobre o aprendizado da lei, tendo-a como base e fundamento, Israel poderá construir sua história.

Ligados ao Êxodo, estão o valor e o significado da travessia do deserto. O caminho em questão poderia ser atravessado em tempo muito mais breve que 40 anos, mas o simbolismo do tempo da travessia indica a importância simbólica do próprio deserto: ele será valorizado como lugar, condição e espiritualidade. Ao discutir o retrato que a tradição sacerdotal faz do tempo do Êxodo, Karen Armstrong afirma:

P compreendia a história do Êxodo de forma muito diferente do deuteronomista. O clímax não era o *sefer torah*, mas a promessa da presença constante de Deus durante os anos que passassem no deserto. Deus havia levado Israel para fora do Egito simplesmente “para viver (*skn*) no meio deles”. O verbo *shakan* significava: “levar a vida de um nômade”. Em vez de residir numa construção permanente, Deus preferia morar numa tenda com seu povo errante; ele não estava preso a um único lugar, podendo acompanhá-lo onde quer que fosse [...]. Em vez de terminar sua saga com a conquista de Josué, P deixou os israelitas na fronteira da terra prometida. Israel não era um povo porque habitava um país particular, mas porque vivia na presença de seu Deus (ARMSTRONG, 2007, p. 31).

Nessa perspectiva, é possível compreender como estrangeiridade e Êxodo se associam: o povo que perde o território da escravidão ganha, na verdade, uma referência à qual pertencer, que é a fé no Deus único. Mais tarde, o território tornar-se-á novamente fundamental para a compreensão identitária de Israel – isso testemunha o livro de Josué, por exemplo. Mas mesmo quando a terra for fundamental para a autocompreensão do povo, a consciência da estrangeiridade não será descartada – ao menos sua memória. Armstrong coloca em evidência como a tradição sacerdotal trabalhou a ideia da saída:

Na história revista de P, o exílio era a última de uma sequência de migrações: Adão e Eva haviam sido expulsos do Éden; Caim, condenado a uma vida de errância sem lar após a morte de Abel; a raça humana havia sido dispersada na Torre de Babel; Abraão deixara Ur; as tribos emigraram para o Egito, e eventualmente viveram como nômades no deserto. Em sua última dispersão, os exilados deviam construir uma comunidade para a qual a presença divina pudesse retornar. Numa surpreendente inovação, P sugeriu que todo o povo observasse as mesmas leis de pureza do pessoal do templo. Todos deviam viver como se servissem à divina presença (ARMSTRONG, 2007, p. 32).

Embora estejamos tratando de um conjunto literário diverso quando comentamos o segundo Isaías, não se pode perder de vista que se trata de uma obra produzida no tempo em que a memória do Êxodo estava muito viva. A importância dada aos diferentes exílios vai ultrapassando as fronteiras literárias para ocupar o imaginário do Antigo Testamento. Assim, as relações entre Êxodo e exílio são anteriores à escritura, estão no imaginário popular que acreditava que lembrar os grandes feitos de Deus no passado poderia trazer ânimo para viver o presente.

A esperança pela saída e pela libertação é registrada, no segundo Isaías, nos termos de uma boa notícia. Zabatiero (2005), inclusive, defende a possibilidade de entender a mensagem

profética do exílio como evangelho antes do Evangelho. A raiz hebraica da qual vem o termo grego traduzido por boa-nova é *bsr* que, no conjunto profético, aparece em Naum e Isaías, especialmente o segundo e o terceiro. Assim, segundo o autor,

a boa-nova trazida pelo mensageiro nas montanhas é apresentada de forma tríplice: paz, bem e salvação (*shalom, tob e yeshua*). Estas três palavras são grandiosas, como é grandiosa a boa-nova para os exilados desanimados e sem fé. A paz é o bem-estar pleno, completo para o povo de Deus e para a sua terra; é a plena harmonia entre pessoas e na natureza (cf. Is 65,17-25). O bem é a bênção de Javé, a vida cheia de bondade e justiça, que nega o mal (cf. Am 5,14-15) e realiza o direito entre o povo. A salvação (cf. Is 26,1) é a libertação que Javé traz ao seu povo, o fim da opressão, a liberdade para viver e viver em paz e bem (ZABATIERO, 2005, p. 346).

Dessa forma, a memória do tempo da escravidão, no segundo Isaías, serve também para rememorar seu desfecho triunfante, em que Deus apareceu como protagonista e generoso provedor da paz e da libertação. Esse esforço de recordação é estratégia para reanimar os desanimados e funciona como chave interpretativa para o exílio babilônico.

2 “ALARGA O ESPAÇO DA TUA TENDA” (Is 54,2)

O trecho escolhido para nortear a fase continental do sínodo 2021-2024 é suscito: “Alarga o espaço da tua tenda” (Is 54,2). Para tornar possível a análise, porém, propomos alargar o olhar para a perícopes completa (Is 54,1-10), analisando alguns elementos dos quatro primeiros versículos. A seguir, localizamos tais elementos:

Entoa alegre canto, ó *estéril*, que não deste à luz; ergue gritos de alegria, exulta, tu que não sentiste as dores de parto, porque mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos da esposa, diz Iahweh. *Alarga o espaço da tua tenda*, estende as cortinas das tuas moradas, *não te detenhas*, alonga as cordas, *reforça as estacas*, pois transbordará para a direita e para a esquerda, a tua *descendência* se apoderará de outras terras e repovoará cidades abandonadas. Não temas, porque não tornarás a envergonhar-te; não te sintas humilhada, porque não serás confundida. (Is 54,1-4, grifos nossos).

Analisaremos, a seguir, portanto, a presença das temáticas confrontantes de esterilidade e descendência, bem como as caracterizações ao redor da tenda.

2.1 Esterilidade e descendência

O primeiro elemento que chama atenção no recorte estabelecido é o contraste entre esterilidade e descendência, que também pode ser lido como contraste entre angústia, abandono e alegria, júbilo e companhia. Tais oposições retratam também o cotidiano paradoxal do exílio, que mesclava sofrimento e esperança, consciência do pecado e remissão. Uma imagem feminina, muito comum às matriarcas do Gênesis – cujas histórias naquele momento eram, provavelmente, recorrentes – será utilizada para retratar a condição do Israel exilado: a esterilidade. Com isso sofreram tantas mulheres nas histórias antigas do povo, especialmente Sara e Raquel (Gn 18,13; **Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 11, n. 18, p. 27-42, jan./jun. 2023
34 ISSN 2595-8208

29,31-35), como esquecidas e rejeitadas pelo próprio Deus que não lhes dera a dádiva da maternidade. Multiplicar os filhos da desolada e dar motivo para que a estéril cante é prodígio dos maiores que Deus demonstra, nessa nova compreensão de um Deus prodigioso que outrora abriu o mar para que o povo alcançasse a terra enxuta, tornara fecundo o chão do deserto, fizera brotar água das pedras e atravessara 40 anos de aridez com um povo firme e fecundo, e agora, ao reconduzir seus filhos, age com a mão poderosa que não só abre a dádiva da maternidade às mulheres férteis como também concede descendência às que são estéreis. Schökel e Sicre Diaz notam a presença emblemática da memória das mulheres ao comentarem a perícopo: “repete-se a história de Sara defronte a Agar, de Ana defronte a Fenena, de Raquel defronte a Lia” (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 347).

Segundo Suzana Chwartz, o termo hebraico *‘aqarah*, que designa a condição estéril, não diz respeito à disfunção biológica da dificuldade em gerar filhos, mas entrelaça uma série de sentidos complementares, que elevam o termo a um aspecto simbólico. Os estéreis, na Bíblia hebraica, são, segundo a autora, “simultaneamente infecundos, desenraizados e impotentes” (CHWARTS, 2004, p. 14). Assim, continua Chwartz:

Nas narrativas patriarcais do livro do Gênesis, as matriarcas – Sara, Rebeca e Raquel – são inicialmente infecundas, sem filhos; os patriarcas – Abraão, Isaac e Jacó – são desenraizados, errantes, residentes temporários, numa terra que não lhes pertence e que, por sua vez, é marcada pela seca e pela fome, em si formas de esterilidade (CHWARTS, 2004, p. 14).

Ao utilizar o termo *‘aqarah* para dirigir-se aos primeiros que cantarão pela libertação, o segundo Isaías combina, mais uma vez, à objetividade, o simbolismo que é próprio à poesia. Cantará, decerto, a estéril que tiver muitos filhos. Mas cantará também o povo que, errante e desenraizado de sua terra, puder voltar a plantar suas raízes no território outrora dado por Deus. Na memória antiga do Êxodo, o povo errante no deserto também cantava a vitória de Deus, que era sua própria vitória (Ex 15). Desenraizados do Egito, eles eram errantes pelo deserto, mas cantavam a fecundidade como esperança da terra onde iriam chegar. O canto é, portanto, celebração de um paradoxo: o Senhor que desenraizou o povo e o fez experimentar a esterilidade é, ele mesmo, a certeza do retorno e de nova e autêntica fecundidade, ainda que haja um deserto a atravessar. Assim, o desenraizamento se torna o primeiro passo para um futuro enraizamento que produza fecundidade e ponha fim à condição de esterilidade. Ainda: o retorno à Terra requer certa condição de desenraizamento. Só retornarão aqueles que foram exilados e experimentaram a condição do exílio e do desenraizamento, consciência que não será de todo abandonada. É essa a travessia celebrada.

Elvira Moises (2009) defende ser a esterilidade o caminho que Deus abre até Raquel. Para a autora, a preferência de Jacó sobre Raquel colocava Lia em uma posição subalterna, compensada por Deus com a maternidade. Somente quando Raquel experimentar a condição da angústia – provocada pela esterilidade – um caminho se abrirá até Deus. Em outras palavras, é na

experiência do despojamento e da privação, da angústia e da tristeza profunda, que o coração pode abrir-se a Deus. Enquanto Raquel ocupava posição superior à da irmã, não era possível que ela encontrasse a Deus, porque não é nessas condições que Ele se mostra. Assim, ela fará o caminho da súplica e do socorro; Ele, para vir até ela, usará a via da bênção. De modo análogo, podemos entender como Israel constrói um pensamento resiliente a partir do exílio. A condição de angústia abre caminho a Deus, que não responde de outra forma que não seja sua bênção – porque o simples olhar e consideração da parte de Deus já são dádivas. Assim, a angústia também será cantada e acolhida como dom, mais ainda quando ela se converte em bênção.

Antes da aliança, Israel era como uma solteira que não encontra marido, sozinha e sem filhos, ultrajada. Pela aliança, Israel é esposa do Senhor como também mãe fecunda. Pela sua infidelidade ela foi repudiada pelo marido e ficou como solteira ou viúva, outra vez só e sem filhos. Deus, porém, não esquece o seu amor: o repúdio ou abandono foram apenas momentâneos, ele tornará a tomá-la por esposa, a estar com ela, a torná-la fecunda. A reconciliação será perpétua, terá força cósmica (SCHOKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 346).

Todo o texto gira ao redor do tema da reconciliação entre Israel e Deus, como a esposa repudiada que é chamada de volta. Os temas da reconciliação, da remissão e, principalmente, dos seus efeitos jubilares, portanto, estruturam a unidade de Isaías 54,1-10.

2.2 A tenda

Alonso Schökel e Sicre Diaz notam que, a partir de Isaías 54,11, a imagem estruturante será a da cidade, que deve ser reconstruída:

Na segunda parte domina a imagem da cidade. Na ordem física, a cidade deverá ser reconstruída, é a primeira coisa. Entretanto, a cidade deverá ter destino, função que justifique sua subsistência. Deverá ser ela centro de convivência pacífica e justa (SI 122). A cidade está ameaçada por um perigo interno e outro externo, vinculados entre si. Por dentro, a ameaça é a injustiça ([Is] 1,21-26; Ez 22); do lado de fora é o ataque justificado de inimigo (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 347).

É interessante, portanto, que o trecho de Isaías 54,1-10 seja estruturado pela imagem da tenda. No processo de libertação e de retorno do exílio, ambas as habitações terão sentido a seu tempo: a tenda será o abrigo pelo tempo da travessia, enquanto a cidade e a casa deverão ser reconstruídas e fortificadas quando Israel já habitar novamente a terra que o Senhor dera a seus pais. São momentos distintos que as distintas habitações referenciam, portanto. Roland De Vaux (2003) assim comenta:

Deve-se notar também o uso frequente, na poesia do Antigo Testamento, das metáforas tomadas da vida nômade. A morte é a corda da tenda que foi cortada (ou a estaca que foi arrancada), Jr 4.21, ou a tenda que é derrubada, Is 38,12. A desolação é expressa pelas cordas que se rompem, a tenda que é destruída,

“Alarga o espaço da tua tenda” (Is 54,2)

Jr 10,20, enquanto a segurança é a tenda cujas cordas estão bem esticadas, com as estacas bem firmes, Is 33,20. Para dizer que o povo se multiplica, se diz que se amplia a tenda, Is 54,2. São também numerosas as alusões à vida pastoril, como é frequente apresentar Iahvé ou seu Messias como o bom pastor, Sl 23; Is 40,11; Jr 23,1-6; Ez 34, etc. (DE VAUX, 2003, p. 33).

Conforme assinalamos anteriormente, a tenda indica o abrigo temporário e faz referência a um povo que está em travessia. Assim como Deus levava seu povo do Egito ao deserto valorizando a passagem, a errância, a estrangeiridade, a evocação da imagem da tenda por Isaías pode recuperar as mesmas indicações: o Israel que retorna é aquele que, mesmo estabelecido em um território, tem gravada em sua identidade a memória da peregrinação, do exílio, da experiência estrangeira, da hostilidade. Por isso, o ideal de hospitalidade também é marca da identidade do povo no Antigo Testamento. O próprio Deus recebera hospitalidade de Abraão sob o carvalho de Mambré e em sua tenda. Gerações mais tarde, o mesmo Deus ofereceu hospitalidade ao seu povo na terra prometida, depois que eles tinham sido profundamente hostilizados no Egito. Portanto, a imitação divina inclui a abertura à acolhida do estrangeiro.

De volta à construção de Isaías 54,2, algumas perguntas poderiam emergir: se a tenda é própria do deserto e da travessia e o objetivo de Israel é retornar à terra outrora dada aos seus pais, qual o sentido da exortação a alargar as tendas? Não deveriam ser as tendas menores e mais fáceis de carregar, uma vez que o retorno era rápido e iminente? A exortação não deveria concentra-se na (re)construção de um grande templo? A alargar seus átrios e reforçar suas colunas? Ou as casas de tijolos e barro é que deveriam ser maiores e mais espaçosas?

O alargamento da tenda é, também, a adesão a uma identidade nacional, a identidade de povo desenraizado: Israel é povo estrangeiro entre as nações, ainda que sua terra tenha sido recuperada. É povo estéril, ainda que, desolado, tenha muitos filhos. É povo errante, para que o dom da hospitalidade lhe seja sempre urgência e a falsa segurança do estabelecimento não volte a corromper sua aliança. A orientação divina exorta a abrigar, sob a tenda única do povo a numerosa descendência que, já no tempo do exílio, não se caracteriza por laços de sangue, mas pela própria identidade hospitaleira da acolhida. Mesmo assim, as cordas esticadas e firmes, ancoradas em estacas reforçadas designam a segurança. O verso 2 concentra várias ideias do simbólico isaiano, portanto: travessia, acolhida, hospitalidade, abrigo, segurança.

As estacas que oferecem segurança podem ser compreendidas como o fundamento que garantirão não perder de vista sua identidade. O primeiro desses fundamentos é a fé no Deus único, reafirmada na condição do exílio. É Ele a segurança de Israel (Sl 90). Em decorrência disso, podem-se entender as estacas também como as memórias a respeito dos patriarcas e do Êxodo, os ensinamentos do deserto e da Torah, a história da companhia de Deus a seu povo, em sua terra. Sobre esse fundamento, a tenda em que vivem Deus e Israel foi construída, e sobre esse mesmo fundamento se deverá manter, sob o risco da perda de referências ou de coerência. O retorno à memória de tais fontes é um movimento estruturante no exílio, não apenas pelo saudosismo, mas como via para alcançar a esperança que faz superar aquele momento histórico.

Não podemos deixar de notar que a tradição cristã irá confirmar esse simbolismo da tenda enquanto indicação da identidade errante do seu povo. Também Jesus será identificado ao verbo de Deus que armou sua tenda e acampou entre os homens, segundo João. Juan Mateos e Juan Barreto comentam, a respeito de João 1,14:

acampou, gr. *eskênôsen*, derivado de *skênê*, tenda de campanha, etimologicamente, portanto, instalou sua tenda. A relação contextual com os termos *doxa* e *plêrês* demonstra a validade do sentido etimológico (cf. a presença dos três conceitos em Ex 40,34s). *Acampou* é, portanto, alusão à tenda do encontro do acampamento israelita [...], que se enchia ou sobre a qual aparecia o fenômeno atmosférico chamado “a glória de Javé” (MATEOS; BARRETO, 1999, p. 36, grifos dos autores).

Assim, a tradição cristã identificará Jesus como aquele que assumiu a humanidade e assumiu também sua estrangeiridade e seu desenraizamento. Em sua tenda, a glória do Senhor se manifesta em plenitude, não mais com os limites da memória antiga, mas agora permanente e plenamente em Jesus. Especialmente em João, Jesus será rejeitado e não terá lugar entre aqueles que mal interpretavam as instituições antigas de Israel. O embate de Jesus com as autoridades dos judeus, em João, deixa claro que seu problema não é com as instituições do Antigo Testamento, mas com a interpretação que dela fazem as autoridades religiosas de seu tempo. Ao assumir a condição de Filho de Deus errante, ele demonstra a fragilidade das tendas dos fariseus e reafirma a necessidade do alargamento das tendas para além das exclusões que as autoridades promoviam. É isso que ele faz, na prática, ao firmar uma aliança com a samaritana (Jo 4) e com aquele que havia sido inválido (Jo 5), por exemplo. Ele finca novamente as estacas dessa tenda alargada, agora não mais sobre as interpretações pessoais da lei e dos profetas, mas sobre si mesmo – a chave de sabedoria na qual toda a revelação alcança plenitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVAS PARA O PROCESSO SINODAL

A escolha de Isaías 54,2 como lema para a Fase Continental do Sínodo 2021-2024 é sinal de verdadeira inspiração do Espírito, que sopra sobre a Igreja o caminho coerente para a escuta dos sinais dos nossos tempos. O processo sinodal tem sido acolhido pela Igreja como resultado da fecundidade que o Senhor lhe concede como dom: como missão, no mundo, ela contempla as sementes do próprio Deus que se espalham e congregam os seus filhos, que precisam de um espaço alargado onde se abrigarem.

A ideia da Igreja como tenda que alarga o seu lugar é, portanto, um convite a refletir e assumir a verdadeira identidade cristã, que tem como fundamento o encontro com Jesus Cristo. Ele mesmo armou sua tenda e veio morar entre nós (Jo 1,14). Assim, a tenda da Igreja não pode ser outra que não o sacramento daquela tenda que o próprio Jesus armou e que, sob o seu mistério, foi se tornando ele mesmo, sob quem se abrigam os filhos de nova aliança. Já a *Lumen gentium* assinalava a necessidade de entender a Igreja como “sacramento visível desta unidade salutar” (LG 9). Adentrar a tenda da Igreja é, portanto, ser iniciado em um espaço que não é físico ou

geográfico, mas é comunidade; indica pertença. Essa tenda-comunidade sinaliza a tenda definitiva à qual o Senhor convida e que manifestará, definitivamente, a glória do Pai:

A alusão à nova tenda anuncia já a substituição do templo. O corpo de Jesus, sua humanidade, será o novo santuário ([Jo] 2,19.21). Assim como a antiga, *também a nova tenda supõe a humanidade em marcha*. Jesus não cria novo templo, massa estática e fixa; os seus estão a caminho para o Pai ([Jo] 14,6). Caminham na história, mas não com os objetivos da carne, e sim com os do Espírito, e somente eles sabem aonde vão ([Jo] 3,7; 8,14) (MATEOS; BARRETO, 1999, p. 61, grifo nosso).

Dessa forma, adentrar a tenda-Igreja é, também, reconhecer a própria identidade *estrangeira* e entender que a Igreja é comunidade em marcha. Ela não encontra no mundo sua pátria definitiva, nem mesmo é a tenda definitiva, mas vê o mundo criado como deserto da travessia, como terreno onde armar uma tenda provisória. Assim se compreendem aqueles que a habitam, pois são estrangeiros também seus filhos:

Enquanto, na terra, a Igreja peregrina longe do Senhor (cf. 2Cor 5,6), tem-se por exilada, buscando e saboreando as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus, e onde a vida da Igreja está escondida com Cristo em Deus, até que apareça com seu esposo na glória (cf. Col 3,1-4) (LG 6).

Se, a partir do exílio na Babilônia, as tendas serão, para Israel, figura da *hospitalidade* e também do seu desenraizamento e errância entre os povos, no processo sinodal o alargamento da tenda deverá inspirar um duplo movimento: primeiro, a consciência da estrangeiridade da Igreja no mundo; depois, uma disposição constante à abertura. Tal abertura é fruto do reconhecimento de que a lógica que sustenta e ordena essa mesma tenda não é uma lógica humana de legalismos e definições, mas a benevolência divina que a nós é inescrutável e que oferece a todos a possibilidade da salvação. A opção pela hospitalidade faz, portanto, não restringir o espaço da tenda, mas acolher sob suas cortinas todos aqueles que desejam o encontro com o Senhor, porque é ele mesmo quem, na soleira, convida a entrar.

Será expressão profética da Igreja fazer brilhar, no mundo, a ternura materna que oferece hospitalidade a seus filhos, especialmente em um tempo no qual os individualismos exacerbados deixam expatriadas muitas pessoas. Há gente sem teto e sem pátria, mas também precisam de lugar na tenda aqueles que caminham sem ter onde ancorar sua segurança, suas referências, seus dilemas e suas dores.

Oxalá o processo sinodal 2021-2024 consiga dar passos na realização da vocação da Igreja a estender-se a todos os povos. Reconhecer a existência do outro e celebrar a diversidade de dons é atualização do canto jubilar da estéril que dá a luz. Em um mundo com cerca de oito bilhões de pessoas e com recursos naturais que possibilitam sua vida, não há como não enxergar que a esterilidade se converte em fecundidade. Hoje, são novos os desafios, porém. Não é possível permitir que a ganância e o uso desmedido dos recursos naturais convertam a fecundidade em

esterilidade – isso seria agir na contramão da ação de Deus! Alargar a tenda é atitude de acolhimento que se destina às pessoas, mas também ao mundo criado, que necessita da proteção que as cordas esticadas podem oferecer.

Há pessoas na direção das quais a Igreja quer avançar, mas, de alguma forma, elas parecem não encontrar o anúncio da esperança nas estruturas eclesiais. O desafio de estender a tenda combina-se, portanto, ao desafio de reunir aqueles que sob ela poderiam se abrigar, já que muitas vezes o simples convite não basta. Há, ainda, a grande dificuldade de diálogo com grupos eclesiais para os quais a ideia de estender a tenda é um sacrilégio e parece representar o rompimento com a tradição antiga da Igreja. A dificuldade no diálogo com esses grupos é um espinho, especialmente no contexto brasileiro. Combina-se a essa dificuldade a emergência de uma sociedade na qual a perda de referências é cada vez mais expressiva, o que tem levado muitos cristãos, especialmente católicos, a encontrarem sua referência em pessoas e em prolixos pregadores, que nem sempre estão enraizados na Palavra de Deus e no encontro verdadeiro com Jesus Cristo. Com esses grupos, em seu respeito e porque também por meio deles o Espírito pode falar à Igreja, será sempre importante manter a consciência de que o alargar das tendas deverá vir acompanhado do *reforço às estacas*, que sustentaram a tenda do povo de Deus ao longo dos séculos e que sustentam a Igreja. Não é possível, em nome de um alargamento das cordas, renunciar ao irrenunciável. Essas estacas reforçadas são os pilares que há muito sustentam a fé da Igreja: Sagrada Escritura, Tradição e magistério. São essas as bases de segurança para qualquer caminho eclesial possível, para qualquer escolha de direção, para qualquer mudança no itinerário.

Desde a leitura bíblica, é a graça de Deus que garante o bom direcionamento dos esforços humanos que, por si só, seriam falhos; o direcionamento do Espírito, que indica em que sentido se devem esticar as cordas; o encontro com Jesus Cristo vivo, que dá sentido à missão eclesial. É ele mesmo, a quem encontramos quando ouvimos com atenção o direcionamento bíblico, que garante que não serão falhos os esforços por alargar a tenda, estender as cortinas, esticar as cordas e reforçar as estacas. ✨

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. **A Bíblia**: uma biografia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRIGHT, John. **História de Israel**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

CHWARTS, Suzana. **Uma visão da esterilidade na Bíblia hebraica**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja. **Santa Sé**, 21 nov. 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 16 abr. 2023.

DE VAUX, Roland. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

DONNER, Herbert, **História de Israel e dos povos vizinhos**. Da época da divisão do reino até Alexandre Magno. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997. v. 2.

FRANCISCO. Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos. **Santa Sé**, 17 out. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 20 abr. 2023.

FRANCISCO. Constituição apostólica Episcopalis communio sobre o sínodo dos bispos. **Santa Sé**, 15 set. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20180915_episcopalis-communio.html. Acesso em: 20 abr. 2023.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O Evangelho de São João**: análise linguística e comentário exegético. São Paulo: Paulus, 1999.

MOISES, Elvira. A construção identitária e religiosa das mulheres em Gn 29-31; Ex 1. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, São Bernardo do Campo, v. 68, n. 3, p. 17-28, 2009.

SALA DE IMPRENSA DA SANTA SÉ. Nota del Sínodo de los Obispos. **Santa Sé**, 21 maio 2021. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2021/05/21/nota.html>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SCHÖKEL, Luís Alonso; SICRE DIAZ, José Luis. **Profetas I**: Isaías, Jeremias. São Paulo: Paulinas, 1988.

SCHWANTES, Milton. O Êxodo como evento exemplar. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, v. 2, n. 16, p. 9-18, 1988.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. **Por uma Igreja sinodal**: comunhão, participação e missão. Documento de trabalho para a etapa continental. Vaticano, 2022. Disponível em: <https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/continental-stage/dcs/Documento-Tappa-Continentale-POR.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2023.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. **Por uma Igreja sinodal**: comunhão, participação e missão. Documento preparatório. Vaticano, 2021a. Disponível em: https://www.synod.va/content/dam/synod/common/preparatory-document/pdf-21x21/pt_prepa_book.pdf. Acesso em: 17 abr. 2023.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. **Por uma Igreja sinodal**: comunhão, participação e missão. Vademecum para o sínodo sobre a sinodalidade. Vaticano, 2021b. Disponível em: https://www.synod.va/content/dam/synod/common/vademecum/pt_vade.pdf. Acesso em: 16 abr. 2023.

SKA, Jean-Louis. **O canteiro do pentateuco**. São Paulo: Paulinas, 2016.

SOUZA, José Neivaldo. Dêutero-Isaías: entre desolação e consolação. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 52, n. 1, p. 211-225, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4380>. Acesso em: 23 maio 2023.

VITÓRIO, Jaldemir. Consolar: missão profética no exílio. **ReBiblica**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 93-105, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/ReBiblica/article/view/30149>. Acesso em: 20 maio 2023.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. A boa-nova em Isaías 40-66: um evangelho antes do Evangelho. **Estudos bíblicos**, Petrópolis, v. 23, n. 89, p. 25-32, 2005. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/661>. Acesso em: 20 maio 2023.

Recebido em: 08/04/2023.

Aceito em: 10/06/2023.